



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Do Monte Cara Vê-Se a Lua', de Germano Almeida]

Pierrette e Gérard Chalendar

Para citar este documento / To cite this document:

Pierrette e Gérard Chalendar, "[Recensão crítica a 'Do Monte Cara Vê-Se a Lua', de Germano Almeida]", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 266-268.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

ciente da sua superioridade cultural; ou aprofundar a ideia platónica da «loucura divina dos poetas», entre outros tópicos recebidos desse fecundo legado clássico, tal como recordado por E. R. Curtius, em *Literatura Europeia e Idade Média Latina*.

Numa segunda parte, mais concentrada, João Pedro George reflete especificamente sobre o processo de construção sociológica do escritor maldito na literatura portuguesa moderna (20 e 141 ss). Embora, positivamente, já na primeira parte surjam referências ocasionais à literatura portuguesa, nesta etapa trata-se de ilustrar a «génese e evolução do 'maldito' em Portugal» desde as figuras setecentistas de Nicolau Tolentino e sobretudo de Bocage, passando por nomes românticos, associando génio e desventura, como Camilo, entre outros.

Nessa variada linhagem dos escritores «desgraçados», glosa-se o tópico segundo o qual os génios estão destinados ao infortúnio (163). Por isso, não surpreende que a imagem dos escritores desgraçados vá ganhando novos contornos no imaginário pós-romântico ou neorromântico (Gomes Leal, por exemplo); sem esquecer os génios marginalizados do modernismo ou da rebeldia surrealista, de Raul Leal e Ângelo de Lima até Mário Cesariny. Significativamente, na genealogia de românticos e vanguardistas, Camões ergue-se como «arquétipo do poeta miserável e desprezado pela sociedade» (218). Para o ensaísta, como sugerido, Luiz Pacheco encarna de pleno direito «o modelo literário que valoriza o sofrimento, a pobreza e a perseguição como provas de grandeza e de mérito literário» (220), prefigurando assim «o maldito por antonomásia».

A autonomia da literatura não exige que a leitura dos textos seja exclusivamente literária, sendo consensual que os estudos literários constituem um campo com frutíferas relações interdisciplinares. A par

de outros estudos na área da sociologia da literatura — domínio científico sem grande expressão em Portugal, ao nível da investigação e da publicação —, João Pedro George publica assim mais um meritório livro nesta área específica, nomeadamente depois do seu alongado trabalho sobre Luiz Pacheco (cf. *Colóquio/Letras*, n.º 181, set. 2012, p. 242-44).

José Cândido de Oliveira Martins

LITERATURA CABO- -VERDIANA

FICÇÃO

Germano Almeida
DO MONTE CARA VÊ-SE
O MUNDO

Lisboa, Editorial Caminho / 2014

O último livro de Germano Almeida é apresentado pelo autor como «romance», mas poderíamos dizer que se trata antes de uma crónica, tendo em conta a autenticidade dos factos narrados e tudo o que a sua dimensão coletiva implica.

A obra dá a ler uma crónica sobre o Mindelo e a vida quotidiana dos seus habitantes sob o ponto de vista de uma das personagens, Pepe. Este, um tagarela infatigável — é um «homem de palavra», de «resposta pronta e argumento fácil» (74) —, apaixona-se pela história da cidade ao ponto de planear lançar ao papel tudo o que sabe sobre a ilha e a sua gente (411). Contudo, antes de deitar mãos à obra, Pepe conversa longamente com alguns dos seus conterrâneos, e são estas conversas, em alternância com outras vozes, de amigos e conhecidos, que constituem a matéria principal do livro.

Os diálogos versam maioritariamente sobre a vida amorosa dos nativos, que é,

antes de mais, muito diversificada: Júlia estabelece uma relação com Pepe, não obstante a diferença de idades (ela tem trinta anos e ele podia ser seu pai), mas, anteriormente, teve também uma «relação de cama» (294) com Valdo e Duca. O narrador especifica que ela teve «alguns outros homens na vida e no leito» (*ibid.*): Rolando, Miguilito, Sérgio. Embora nem todos tenham sido seus amantes, cada um deles deixou marcas na memória da jovem mulher, contribuindo para moldar a sua personalidade. Yara vive com o narrador, mas a relação é dificultada pelo «muito sensual Pepinho» (7). As coisas complicam-se porque um anterior companheiro de Yara continua presente no seu imaginário erótico. Esta perturbação constitui um obstáculo à experiência do prazer, conduzindo por fim a um sentimento de fracasso. Sérgio sente um fundo desespero ao ficar a saber que o prazer experimentado por Júlia se deve não tanto ao seu *savoir-faire* sexual como ao facto de ela reviver mentalmente os tórridos encontros amorosos que teve com Valdo, já que este é um homem mais rude e mais criativo do que Sérgio no modo grosseiro mas terrivelmente excitante de comentar as formas do corpo dela ou os vários momentos do duelo amoroso (315).

Semelhante instabilidade engendra uma desconfiança inultrapassável relativamente ao casamento, entendido como um acto jurídico que sela a união entre duas pessoas. Das suas muitas experiências amorosas Júlia conclui que a amizade é preferível a uma ligação amorosa duradoura, já que esta é irremediavelmente marcada pela falsidade de sentimentos e pela mentira. Assim, Júlia acaba por rejeitar Sérgio como amante, muito embora o mantenha como amigo (315-16).

Um olhar mais atento leva-nos a concluir que a maioria das personagens vive no equívoco. A mãe de Júlia, Guida, trai

Marcos, o pai dos seus filhos, mas permanece extremamente pudica, recusando despir-se diante da filha (91), e, na sua maioria, os homens que cortejam Júlia têm relações estáveis com outras mulheres, como é o caso de Miguilito, Rolando ou Sérgio. Quando Guida encomenda uma missa pela protecção de Marcos, que a abandonou, a filha acompanha-a à igreja, embora não seja católica praticante (353). Ao abordar Júlia, Rolando evidencia uma requintada delicadeza, pedindo-lhe que lhe dê lições particulares para aperfeiçoar a sua formação e poder assim obter a carta de condução (325). Trata-se, porém, de um artifício (ou seja, de uma impostura) com que visa estabelecer contacto com a jovem e declarar-lhe o seu amor (326). Daí a justiça da apreciação de Júlia, segundo a qual «cada homem mente» (98). A discussão torna-se mais subtil quando a jovem mulher reconhece que ela própria se presta ao jogo e que valoriza acima de tudo a forma do discurso amoroso; o modo de expressão prima sobre a qualidade moral (a sinceridade) do que é dito. «Tu enganas-me com palavras que dá gosto ouvir» (98).

A relação amorosa é por vezes travada pela falta de dinheiro. Após um período florescente de intensa actividade comercial no Mindelo, durante o qual se compra e vende «bacalhau da Noruega, carnes frescas e salpresadas da Argentina, chocolate inglês» (170), a cidade conhece um longo período de recessão, e muitos nativos são forçados a emigrar. Quando um amante ou um marido abandonam a terra natal para procurarem trabalho na Europa (principalmente na Holanda) (124), deixam as mulheres e os filhos sem recursos. Guida vê-se assim obrigada a criar sozinha os seus dois filhos, Júlia e Marquinho. Há que dizer que também ela vivia insatisfeita e que, pouco antes da partida de Marcos, seu companheiro, tivera uma relação amorosa com Pepe, o que o faz perguntar se não

será ele o verdadeiro pai de Marquinho. Donde a pertinência do comentário de Pepe: «esta terrinha de merda puxa-nos pior que corrente de mar brabo» (150).

A presença de muitos portugueses durante o período colonial teve também a sua importância nos amores cabo-verdianos. Na época em que o Mindelo dava asilo a quatro mil militares portugueses (236), numerosos foram os encontros amorosos entre estes e as raparigas da ilha; D. Aurora, que vive sem homem (o que causa perplexidade entre os vizinhos), garante ter estado apaixonada, na sua juventude, por um marinheiro português que lhe prometera casamento. Porém, o homem parte de licença para a metrópole e nunca mais volta ao Mindelo, pois escondera-lhe o facto de ter já uma esposa em Portugal (195).

As conversas de Pepe encerram um vasto conhecimento sobre a gente local. Sabe reconstituir com mestria o passado do Mindelo e sente verdadeiro prazer em contar a intimidade de vizinhos e vizinhas, já que a cidade é um pequeno mundo onde toda a gente se conhece (269). Sob este ponto de vista, o romance fornece dados em primeira mão para uma história contemporânea dessa cidade que nunca dorme, com os seus arrabaldes cheios de gente suspeita e estabelecimentos mal-afamados, cujos clientes se sentam no chão a escutar mornas por entre cheiros a moreia, atum ou cavala fritos em azeite rançoso e servidos sobre velhas folhas de jornal (107). Estes lugares lembram o Mindelo de outros tempos onde se multiplicavam as casas de jogo (180), uma cidade abastecida por navios carregados de mercadorias de origem europeia. Pepe modera esse entusiasmo ao lembrar (218) que o desenvolvimento anárquico da cidade se fez em detrimento das ilhas do Sal e da Boa Vista, onde a actividade económica é periclitante. Essa opulência terminará com períodos de seca causadores de miséria, a qual, por sua vez,

dá origem à revolta popular de 1934, que marcou toda a geração que a viveu.

Se, por um lado, a relação com Júlia faz de Pepe um poeta, quando declara os seus sentimentos à amada citando Neruda (104), por outro leva-o também a questionar os costumes amorosos dos seus conterrâneos ao constatar a sua vontade de ser fiel à rapariga, e, acima de tudo, permite-lhes viver «a maravilhosa aventura de se descobrirem um ao outro, muito mais com conversas de ocasião que propriamente aprofundando as respectivas vidas em confidências que nenhum deles pedia ao companheiro» (98).

Todos estes elementos narrativos, tanto os múltiplos amores como os dados antropológicos da cidade do Mindelo, são apresentados mediante o discurso indirecto livre que Germano de Almeida domina com pleno conseguimento, sobrepondo a voz do narrador (discurso citante) e a da personagem (discurso citado) e garantindo assim um grau máximo de verosimilhança à história.

Pierrette e Gérard Chalendar

[Trad. Rui Pires Cabral]

LITERATURA MOÇAMBICANA

POESIA

Mia Couto VAGAS E LUMES

Lisboa, Editorial Caminho / 2014

Os poemas publicados por Mia Couto estão classificados sob duas rubricas, *Vagas e Lumes*, cuja conjugação dá título à recolha. Os poemas agrupados sob o primeiro subtítulo envolvem: «les grands rêves cosmiques qui attachent l'homme aux éléments, au feu, à l'eau, à l'air céleste, à la prodigieuse